



Tempo

ISSN: 1413-7704

secretaria,tempo@historia.uff.br

Universidade Federal Fluminense

Brasil

Raminelli, Ronald

Reseña de "Religião como tradução: missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial" de Cristina Pompa

Tempo, vol. 12, núm. 23, julio, 2007, pp. 191-195

Universidade Federal Fluminense

Niterói, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=167013398010>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Resenha

O dilema do tempo

*na etno-história**

*Ronald Raminelli***

POMPA, Cristina. Religião como tradução; missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial, Bauru, CNPq-Anpocs/Edusc, 2003, 444 p.

Abordagens interdisciplinares são recorrentes nas histórias das etnias americanas. Embora viabilizem uma análise mais consistente das sociedades indígenas, sobretudo de seus ritos e mitos, elas nem sempre se coadunam com a perspectiva da análise diacrônica. De todo modo, esses historiadores buscam harmonizar a diacronia à sincronia dos modelos teóricos, mas, de fato, ao recorrer às Ciências Sociais, eles, muitas vezes, negligenciam a temporalidade dos registros do passado. Este procedimento raramente é explicitado nas

obras dedicadas à etno-história que, em geral, acabam por apresentar critérios pouco objetivos para estabelecer similitudes entre os conjuntos mítico-rituais. Essas filiações teóricas também incentivam uma apropriação do passado que, não raro, contraria a crítica aos testemunhos, a análise dos contextos narrativo e cultural, bem como a sua inserção social e geográfica.

Esses impasses, porém, não se encontram apenas nos escritos da história das etnias americanas. Nos anos 1990, o ambicioso livro de Carlo

* Resenha recebida em abril de 2007 e aprovada para publicação em maio de 2007.

** Professor Adjunto da Universidade Federal Fluminense. E-mail: rraminelli@uol.com.br.

Ginzburg, *História noturna* (1989), provocou uma enorme polêmica ao combinar a morfologia e a história do Sabá, seus significados sincrônicos e desenvolvimento diacrônico. O historiador italiano pretendia, então, harmonizar o estruturalismo à perspectiva histórica dos mitos, descobrir homologias formais e reconstruir seus contextos espaço-temporais.¹ Para explicar a existência de substrato comum de crenças e rituais eurasianos, Ginzburg recorreu à difusão cultural promovida pelas migrações e a unifor- midade psíquica, combinação capaz de promover o entrelaçamento entre história e morfologia.

Esse ambicioso projeto recebeu críticas as mais variadas, mas vale citar apenas a de Perry Anderson. Ao comentar essa combinação, ele escreveu: “sua presença simultânea no texto mais parece um resseguro tático do que uma síntese teórica, pois elas não podem ser logicamente conciliadas”.² Ginzburg também desconsiderou a temporalidade dos testemunhos e promoveu cruzamentos de dados sem

atentar para suas especificidades tem- porais e espaciais. Para tanto, baseava- se no estruturalismo de Lévi-Strauss e na filosofia de Wittgenstein. Apesar da complexidade do tema, vale incluir essa breve menção para introduzir o livro de Cristina Pompa.

Religião como tradução tem o grande mérito de enfrentar o difícil diálogo entre as Ciências Sociais e a História. De forma brilhante, a autora indica a filiação teórica dos principais etnólogos brasileiros e estrangeiros para demonstrar como eles se apro- priaram dos registros concebidos pe-los missionários entre os séculos XVI e XVII. Pompa promoveu um con- fronto inédito entre a literatura etno- lógica do século XX e os testemunhos do início da colonização portuguesa na América. Assim como fez em re- lação aos registros quinhentistas, ela realizou uma breve crítica histórica das principais obras da etnologia que, a meu ver, jamais serão as mesmas, sobretudo para o leitor atento.

Nessa ambiciosa empreitada, Pompa consultou a vasta literatu-

¹ Carlo Ginzburg, *História noturna; decifrando o sabá*. (trad.), São Paulo, Companhia das Letras, 1991. Sobre a produção historiográfica de Ginzburg, ver: Dominick LaCapra, *History & Criticism*, Ithaca, Cornell University Press, 1985, p. 45-69; Luciano Canfora *et al.*, *Paradigma indiziario e conoscenza storica*, *Quaderni di Storia*, 12, p. 3-55, 1980; Ronald Raminelli, “Compor e decompor: ensaio sobre a História em Ginzburg”, *Revista Brasileira de História*, 25/26, p. 81-96, 1993.

² Perry Anderson. Investigação noturna: Carlo Ginzburg, in *Zona de Compromisso*. (trad.), São Paulo, Ed. Unesp, 1996, p. 81; Robert Bartlett. Witch hunting, in: *The New York Review of Books*, v. 38, n. 11, 1991.

ra dedicada aos Tupi e Tapuia. Re-
ceberam da autora um tratamento
diferenciado as cartas, os relatos de
viagem, os tratados e as histórias de
missionários jesuítas e capuchinhos,
de neerlandeses e demais estrangei-
ros que percorreram a costa atlântica
e o sertão brasílicos, no período em
questão. Junto à farta documenta-
ção, ela incluiu registros ainda pouco
conhecidos, localizados nos arquivos
jesuíticos em Roma ou em edições
raras que lhe permitiram uma visão
mais ampla das comunidades indíge-
nas radicadas na América portuguesa.
A erudição, a capacidade de observar
detalhes e comparar testemunhos
produziram uma obra obrigatória para
os pesquisadores da história indígena.
Seus objetivos, porém, não se resu-
miam a conhecer as etnias e seus
confrontos com conquistadores e mis-
sionários. Procurou antes demonstrar
inconsistências e, particularmente,
anacronismos de estudos consagrados
como os de Alfred Métraux e Flores-
tan Fernandes.

Segundo a hipótese de Kurt
Nimuendajú, não era a expansão bél-
ica o motor das migrações dos antigos
tupinambás. Desde o início do qui-
nhentos, eles eram impulsionados por
razões religiosas, buscavam a Terra
sem Mal, que, séculos depois, perma-
neceria como responsável pelos des-
locamentos dos apapocuvas. Partindo

desse princípio, Métraux articulou os
dados presentes nas fontes do século
XVI e XVII às etnografias sobre os
guaranis modernos para recompor a
cultura tupinambá da época colonial.
Sobre o método, Pompa escreveu:
“Este ‘pecado original’ parece per-
correr todos os estudos ‘clássicos’
sobre estes grupos; até nos trabalhos
dedicados especificamente aos Tu-
pinambá ou aos Guarani, os autores
não deixam de recorrer, para explicar
aspectos de uma cultura, aos dados da
outra, pressupondo uma única e imu-
tável ‘cultura tupi-guarani’” (p. 101).
As pretensas homologias se baseavam
no difusionismo, responsável por ex-
plicar o desenvolvimento cultural por
meio da dispersão de costumes, ritos
e mitos entre os povos. Apesar da
perspectiva histórica, os difusionistas
acreditavam na raridade de novos
inventos e na estabilidade, ou mesmo
imutabilidade, das tradições.

Florestan Fernandes recorreu,
por sua vez, a uma abordagem fun-
cionalista para explicar as migrações.
Embora apontasse a insuficiência
dos dados, “não susceptíveis de apro-
veitamento sistêmico”, Fernandes
considerou os deslocamentos como
mecanismo de controle social, res-
ponsável por restabelecer o equilíbrio
biótico das comunidades. “É óbvio”,
concluiu Cristina Pompa, “que o di-
ferente tratamento dado às fontes

pelos dois autores depende das posições teórico-metodológicas, uma procurando rastros de um percurso de difusão, outro querendo descobrir mecanismos de funcionamento" (p. 107). As fontes, por certo, não foram analisadas a partir do contexto. Elas se subordinaram e sofreram cortes segundo as filiações teóricas.

Por certo, as teorias difusionistas e funcionalistas mencionadas tiveram enorme influência nas pesquisas históricas. O profetismo tupi tornou-se recorrente nos livros e teses, perpetuando "o pecado original" tão bem desvendado por Cristina Pompa. Ao alertar para o perigo de empregar as "informações pertencentes a grupos, regiões e momentos históricos diferentes" (p. 135), a metodologia dedicada a preencher lacunas da documentação antiga com dados de culturas contemporâneas, a autora se diferencia de boa parte das teses produzidas no âmbito da etno-história. Distancia-se ainda da etnologia e da amplamente praticada "crítica etnográfica das fontes históricas".³ O "ar de familiaridade", segundo a autora, não permite traçar comparações, nem mesmo preencher vazios documentais.

Como as ressalvas ao trabalho de Ginzburg, esse método permite comparações infinitas e descontextualizadas, além de pressupor que as culturas indígenas permaneçam congeladas no tempo. A meu ver, esse procedimento contraria a lógica histórica, nega a temporalidade dos testemunhos. Como recuperar a "verdade histórica" é inviável, Cristina Pompa defendeu a reconstrução da "trama e significações em que colonos, jesuítas, indígenas e capuchinhos liam e tornavam familiares alteridades culturais, no teatro do Brasil colonial" (p. 163). Buscava, então, entender as traduções, o deslizamento de sentidos entre os universos simbólicos dos colonizadores e dos indígenas.

Se a primeira parte do livro trata dos Tupi, a segunda consolida ainda mais a abordagem inovadora ao analisar os Tapuia do sertão. Embora as duas experiências se mostrem distintas, Pompa demonstra como a evangelização dos Tupi serviu de modelo para a dos Tapuia. A partir da experiência com os Tupi do litoral, os missionários construíam, no imaginário europeu, a alteridade indígena, recorrendo à revisão e rearticulação de categorias religiosas como a profe-

³ Marta Amoroso. "Do alcance da tradução cristã", *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 20, n. 57, 2005.

cia, a feitiçaria e a esfera demoníaca. Construiu-se, então, “o projeto missionário, voltado para a realização do desenho provincial da pregação do Evangelho” (p. 417).

No sertão, a alteridade radical, antes atributo dos Tupi, deslocou-se para os Tapuia. Ao descrever a religião kariri, os capuchinhos empregaram a mesma abordagem e buscaram delimitar as noções de dilúvio, recuperar a passagem de São Tomé e das tribos perdidas de Israel, temas recorrentes nas cartas jesuíticas do século anterior. Nesses escritos, tornam-se evidentes não somente as traduções indígenas, a absorção do cristianismo a seus mitos, mas também como os religiosos traduziram a cultura kariri, a partir do tupi cristianizado.

Os índios traduziram a alteridade colonizadora e missionária, recorrendo ao seu simbolismo mítico-ritual, pois ora os religiosos receberam atributos de xamã; ora, ao explicar os eventos, os mitos cosmogônicos indígenas transformaram-se em apocalíti-

cos; ora os ritos católicos serviam para construir um “universo simbólico nativo e para os nativos, que procurava eliminar simbólica e fisicamente os brancos”. (p. 417).

Sem recorrer a modelos teóricos redutores, Cristina Pompa promoveu um notável avanço da história das missões, sem descuidar das traduções, dos hibridismos religiosos promovidos pelas comunidades indígenas frente aos dilemas da colonização. A maior contribuição da segunda parte encontra-se, nas entrelinhas, quando demonstra os limites para se reconstruir o “verdadeiro índio”, rompendo com a “crítica etnográfica das fontes históricas”. A nova abordagem torna-se ainda mais relevante quando emprega a comparação para entender como horizontes simbólicos distintos, contextos sociais e econômicos variados originaram traduções, revisões e recomposições míticas e práticas, “no esforço constante de construir o sentido do mundo” (p. 419).